

CONVERSANDO SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM A FAMÍLIA

Emílio Figueira



2ª Edição Revista

Emílio Figueira

CONVERSANDO SOBRE INCLUSÃO
ESCOLAR COM A FAMÍLIA
2ª Edição

Edição do Autor
São Paulo
2014

© 2014– Emílio Carlos Figueira da Silva

Capa: Emílio Figueira

**FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
AGÊNCIA BRASILEIRA DE ISBN**

Figueira, Emílio – 1969 –
CONVERSANDO SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR COM A
FAMÍLIA. 2ª. Edição revista. Emílio Figueira. – São Paulo :
Edição do Autor/AgBook, 2014.

ISBN 978-85-911079-4-0

1. Educação Inclusiva. 2. Pessoas com Deficiência.. 3. Crianças

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei no. 9.610/98.

Impresso no Brasil / Printed in Brasil

Epígrafe

Hideco Watabe, uma professora marcante que tive na AACD no final dos anos 70, disse-me anos mais tarde em uma correspondência:

“Lutar pelos deficientes físicos é um sonho. Acredito que o melhor caminho será a educação do nosso povo quanto à saúde, o esclarecimento aos futuros pais da necessidade de maiores conhecimentos quanto à concepção, nascimento e criação do novo ser, obrigando-os a se prepararem conscientemente para a nova função: a de PAIS!”

DIGAMOS CRIANÇAS OU PESSOAS

COM DEFICIÊNCIA

Durante a leitura dos trechos da **Declaração de Salamanca**, aparecerão expressões como “pessoas portadoras de deficiência” e, por se tratar de um documento oficial, não pude alterá-las. Quero, contudo, destacar que aqui no Brasil essa expressão não é mais usada, pois se entende que a pessoa com deficiência não está portando nada. Neste livro, como em outros tantos trabalhos meus, usarei o termo mais aceitável em língua portuguesa. Segundo os movimentos mundiais, incluindo o Brasil, após amplos debates o nome pelo qual essas pessoas desejam ser chamadas é “**pessoas com deficiência**”, isso em todos os idiomas. Esse termo foi adotado como sendo o correto pela “Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde” - CIF, que é da Organização Mundial de Saúde de 2003, Anexo V da edição brasileira. Em seguida, foi incorporado ao texto da “Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência”, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 2005 e promulgada posteriormente pela Lei Nacional de todos os Países-Membros. Desta forma, onde estiver escrito “pessoas portadoras de deficiência” ou, até mesmo, “portadores de deficiência”, singular ou plural, deverá ser entendido “**pessoa(s) com deficiência**”.

Prefácio

Receber o convite do amigo e mestre Dr. Emílio Figueira para prefaciá-la sua obra sobre Inclusão Escolar no contexto do diálogo familiar pode ser de fato uma grande honra para qualquer pessoa, mas para mim foi muito mais do que um indescritível privilégio. Foi também grande desafio e agradável novidade em minha vida, pois é o primeiro convite que recebo para este tipo de redação, não poderia deixar mencionar meu orgulho e prazer em fazer isso sob o convite de tão nobre e inspirador escritor.

Aparentemente não tenho nenhuma deficiência visível, mas internamente devo ter muito mais necessidades especiais do que suponho imaginar. Preocupo-me muito mais com as deficiências do caráter e da alma do que as do corpo e da mente. Fico muito mais chocado e assombrado com as pessoas usurpadoras e manipuladoras do que propriamente com aquelas que apresentam limitações intelectuais, dos sentidos ou de locomoção. São os homens maus que me assustam, não os de mobilidade comprometida.

Lembro que quando criança, eu era de menor estatura do que a maioria das crianças da minha faixa etária. Sempre era o primeiro da fila por conta de minha pouca altura. Isso sempre me incomodava. As piadas me

incomodavam. As meninas sempre escolhiam os garotos mais altos enquanto eu dançava com a vassoura. Isso sempre me causou transtornos psicológicos e sociais. Por defesa, compensava minha pouca estatura ocupando funções de liderança e tirando as melhores notas entre meus pares educandos.

Meu incômodo foi desfeito no dia em que em uma reunião do Lions Clube, onde meu pai era o presidente, um palestrante doutor, intelectual e tão baixinho quanto eu era me disse: “Um homem não se mede pela sua estatura e sim pelas suas realizações.”

Lendo o livro do estimado amigo e mestre Dr. Emílio Figueira “**Conversando Sobre Inclusão Escolar com a Família**” pude nutrir-me de importantes dicas na lida com todas as pessoas, independentemente se suas limitações são visíveis ou não. Lembrei-me daquele psicoterápico e emblemático conselho do Dr. Capanema a respeito de meu tamanho.

Buscar eventual deficiência em mim pode acalantar minha alma sobre o desafio de preludiar esta obra sobre Inclusão Escolar. Mais importante do que isso: ver o Dr. Emílio fazer o que faz e escrever o que escreve depois de superar todos os desafios da academia me faz pensar o quanto perdemos e deixamos se perder quando não temos a informação adequada para lidar com pessoas com deficiência, mas de inestimável grandeza humana e de

notável relevância neste caminho do diálogo familiar e educacional sobre as questões da inclusão.

As considerações do autor nesta obra sobre aspectos importantes do diálogo familiar no contexto da inclusão escolar vem preencher grave lacuna na capacitação e formação continuada de professores e, em especial, nos temas cotidianos que permeiam ou pelo menos deveriam nortear os cursos e palestras em eventos semelhantes à Escola de Pais.

Dr. Emílio conseguiu com sua escrita fluente carregada de experiências e estudos de casos, porém de fácil compreensão, efetivar o objetivo deste livro. Certamente alcançará as necessidades dos mais exigentes peritos da área de Saúde e Educação e até mesmo o entendimento de pais sem maior conhecimento técnico sobre o assunto.

Recomendo sem reservas a leitura deste livro e incentivo o diálogo e debates tanto no contexto familiar quanto escolar e em Escola de Pais sobre as significantes pontuações oferecidas nesta obra. Excelente! Parabéns!

Prof. Chafic Jbelli

Psicanalista, Psicopedagogo
e Diretor da Unicead

Apresentação

Superando barreiras, vencendo as tendências que querem nos impedir que prosseguir

Somos pessoas tendenciosas... Sem perceber, temos a tendência de guardar objetos nas gavetas de nossa mesa dos quais passamos uma vida sem precisar, o problema maior é quando essas gavetas não são de uma mesa, mas dos nossos corações.

Tendemos, por exemplo, a virar o rosto e fingir que não vimos algum conhecido que, por qualquer motivo, não estejamos a fim de conversar num determinado momento.

Como se tudo isso fosse pouco, somos propensos a armar nossa armadura de manhã bem cedo contra quaisquer desavenças que possam surgir durante o dia e, mesmo que estas não sejam tão sérias assim, ao sinal do primeiro descontentamento nos desarmamos contra alguém que, mesmo sem querer, conseguiu ativar nossas mais amargas armaduras.

Em meio a todos esses vícios, aqui entendido como algo que fazemos mesmo sem pensar direito sobre o porquê, armazenamos dores, amarguras, ressentimentos e culpas.

A solução não é a fuga, a qual pode ser percebida quando mudamos algum pensamento que quer dialogar conosco em meio aos nossos relacionamentos intrapessoais, mas um enfrentamento maduro que nos contesta diante de ações que podem provocar dores em nós e, também, em outras pessoas.

Contudo, se o primeiro passo é o enfrentamento, o segundo pode ser entendido como a prova real dele, ou seja, o segundo passo é identificarmos se o nosso enfrentamento resultou em melhoria em nossas maneiras de pensar e agir diante dos outros, diante daqueles que passam por nós todos os dias e que, de uma forma ou de outra, fazem parte de nossas histórias ou da história do lugar em que vivemos e estamos.

Pode ser fato que somos tendenciosos a olhar apenas para as faltas de outras pessoas, principalmente porque nosso olhar está viciado por um mundo que preza apenas aquele que é, apenas em seus padrões, o perfeito, o que nunca erra, o que nunca falha.

Contudo, sabemos que cada um de nós somos diferentes uns dos outros, que cada um de nós temos facilidades e dificuldades que podem não ser como as dos outros e, inclusive, a beleza reside bem nesse ponto, ou seja, nas nossas diferenças.

A partir desse entendimento, convém aqui convocar, pessoas que querem ser respeitadas nas suas diferenças e,

como desejam ser respeitadas, sabem que o caminho mais seguro é respeitar o espaço do outro, de modo que cada uma das partes seja ouvida, compreendida, ajudada e integrada uns pelos outros.

Fazendo isso, teremos a certeza que podemos ter esperança de uma convivência mais pacífica entre as pessoas, podemos, inclusive, sonhar com o dia em que os telejornais terão que se adequar a divulgar fatos bons, não apenas os fatos de sangue que hoje vemos tão bem e extravagantemente divulgados.

Desta forma, teremos chance de conseguirmos aprender mais com o outro e, quando olharmos para alguém com visível dificuldade, não a valorizarmos a ponto de cegarmos nossa capacidade de ver as facilidades que esse alguém tem, ou seja, enxergar o que ele pode fazer, não obstante a qualquer dificuldade que tenha, dado que as nossas dificuldades não podem nos impedir de galgarmos os mais altos escalões que se desejar alcançar.

Somos pessoas diferentes, mas somos iguais nas nossas capacidades de enfrentar e vencer quaisquer barreiras.

Érika Souza Bueno
Professora e Revisora de Textos

SUMÁRIO

COMEÇANDO A CONVERSAR SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 13

UMA CONVERSA DE CONSULTÓRIO, 21

CONVERSANDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE SEU FILHO E OS EFEITOS POSITIVOS DAS DEFICIÊNCIAS, 29

A FAMÍLIA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO E REABILITAÇÃO DE UM FILHO COM DEFICIÊNCIA, 37

AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS E AS POSSIBILIDADES DE SEU FILHO, 47

A PARCERIA ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE, 59

APÊNDICE: UMA ENTREVISTA NO JORNAL “O GLOBO”, 67

1

COMEÇANDO A CONVERSAR SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Talvez esta seja a primeira dúvida dos pais e família:
O que é Educação Inclusiva?

Historicamente, pessoas com deficiência ficaram por muito tempo escondidas do convívio social até que, algumas décadas atrás, nasceu o conceito de *integração social*. Surgiram, por exemplo, entidades, clubes sociais especiais, associações desportivas e centros de reabilitação dedicados a elas. A intenção principal da integração social era preparar essas pessoas para ingressarem e conviverem em sociedade como todos nós.

No ano de 1994, surgiu a “**Declaração de Salamanca – Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial**”, proclamada na Conferência Mundial de Educação Especial sobre Necessidades Educacionais Especiais, da qual veremos alguns trechos nos finais de cada capítulo (veja a nota abaixo). Esse documento reafirmou o compromisso

para com a “**Educação para Todos**”, reconhecendo a necessidade de providenciar educação para pessoas com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino. Assim, um novo conceito ganhou forças: a **inclusão escolar e social**. Antes, essas pessoas eram habilitadas ou reabilitadas para fazer todas as coisas que as demais por meio da integração social e passavam a conviver conosco em sociedade. Agora, na inclusão escolar e social, as iniciativas são nossas. Somos nós que estamos nos preparando, criando caminhos e permitindo que elas venham conviver conosco. Por este motivo, cada vez mais vemos crianças e pessoas com deficiência em nossas escolas, nos espaços de lazeres e em todos os lugares da vida diária. Devemos estar preparados para essa convivência, aceitando as diferenças e a individualidade de cada pessoa, uma vez que o conceito de inclusão mantém este lema: **Todas as pessoas têm o mesmo valor**.

A ansiedade como primeiro desafio a ser vencido pelos pais

Hoje, falamos muito de Inclusão Social ou Escolar, um novo modelo social que retirou todo aquele caráter médico que envolvia questões referentes às pessoas com deficiência. Enquanto psicólogo, tenho notado que os discursos de várias pessoas que falam em Inclusão Escolar também esbarram em **questões culturais e/ou até certo comodismo por parte de algumas pessoas envolvidas**. É muito comum eu receber em meu consultório muitos pais desorientados, querendo entender o que realmente é essa

Educação Inclusiva e como seu filho com deficiência pode participar e ter sucesso nela!

Por outro lado, canso de ouvir professores do ensino regular dizerem que não estão preparados para receberem alunos com deficiência. Não há maldade nisto, mas certo estado de ansiedade e, em muitos casos mesmo que seja de forma inconsciente, um mecanismo de defesa contra algo desconhecido.

Nossas ansiedades são uma característica biológica do ser humano, as quais antecedem momentos de perigo real ou imaginário, marcadas por sensações corporais desagradáveis, tais como uma sensação de vazio no estômago, coração batendo rápido, medo intenso, aperto no tórax e transpiração. Tanto a ansiedade quanto o medo não surgem na vida da pessoa por uma escolha, mas vivências interpessoais e problemas na primeira infância podem ser importantes causas desses sintomas.

Para a maioria dos professores e para a grande parte da população ainda há aqueles velhos conceitos culturais referentes às pessoas com deficiência, pois imaginam que a deficiência está associada ao estado de doença e/ou que não as pessoas com deficiência não se desenvolvem ou aprendem como as demais. Ora, **a aprendizagem e o desenvolvimento humano são individuais** e, conforme falarei mais abaixo, ninguém tem um modelo a seguir.

Diante da Educação Inclusiva, pais e professores querem rapidamente encontrar soluções de como trabalhar com aquele aluno. **A dica é que primeiro o receba e, nos primeiros dias, conheçam-se mutuamente, pegando confiança e o jeito um do outro. Ao mesmo tempo em que for buscando o maior número possível de informações sobre o aluno e formas de trabalhar com ele, o professor descobrirá naturalmente no dia a dia suas próprias técnicas e**

adaptações de atuação em cada caso. Será importante que **os pais também não se angustiem ou procurem respostas rápidas da parte da escola.**

Afinal, sendo a Educação um processo feito por etapas, por que diante da Inclusão Escolar muitos procuram respostas rápidas? O reflexo da vida moderna que nos cobra resultados e que gera nossas ansiedades não podem entrar na sala de aula inclusiva. São dicas sobre isso que veremos nos capítulos a seguir!

TRECHO DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

1. Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembleia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e reendossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações, governo e organizações sejam guiados.
2. Acreditamos e Proclamamos que:
 - Toda criança tem direito fundamental à educação e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem.
 - Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas.
 - Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades.
 - Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades.
 - Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes

discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças para que aprimorem a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

2

UMA CONVERSA DE CONSULTÓRIO

Algum tempo atrás, recebi em meu consultório uma jovem senhora que chamarei aqui de Maria para preservar sua identidade. Após nos cumprimentarmos e sentarmos para uma conversa, ela, meio afoita em seu discurso, foi me contando sem que eu a interrompesse:

- Meu nome é Maria, sou mãe do Pedro [*também troco o nome*] de sete anos que os médicos dizem ter aparentemente atraso no desenvolvimento psicomotor e na fala. Atualmente, ele estuda na escola da prefeitura de uma pequena cidade no interior de São Paulo. Está no segundo ano sem saber ler e escrever e não tem coordenação motora. Hoje, enfrento um grande problema, pois ele é uma criança agressiva, bate nos professores e em algumas crianças quando contrariado ou até mesmo sem motivos. A escola me cobra muito referente a levá-lo a especialistas, mas não vejo cooperação nenhuma dos professores em tentar ter paciência, enfim, não tem especialidade nenhuma em educação especial que, pelo que sei, ajudaria muito! Fui forçada a levá-lo a um psiquiatra que o medicou contra minha vontade, pois acredito que hoje ele é agressivo porque

na escola as professoras não souberam lidar com as dificuldades apresentadas. Cheguei a ouvir de professores que eles não podiam fazer nada, que eu teria que ajudá-lo em casa, pois havia muitos alunos. Hoje, posso dizer que sou um pouco mais ajudada, ele tem uma professora de apoio e uma professora que quer ajudá-lo, que tem paciência com ele, tendo alguns métodos de aprendizagem para ele que são um pouco diferenciados. Ele sempre foi tratado com uma criança diferente, nunca tentaram introduzi-lo no meio das crianças normais. Hoje chego a crer que Pedro tem trauma da escola, pois todos os dias me pergunta se tem que retornar no dia seguinte. Eu, como mãe, nunca consigo saber o que acontece dentro da sala, mas, quando a coisa está difícil, eles caem em cima de mim para correr atrás de médicos como se eles fossem solucionar o problema dele na escola. Acho que a falta é de uma professora com educação especial. Penso assim: jogaram inclusão nas escolas sem saber se estavam preparadas para tal, sendo que o que vejo hoje é que elas não estão. Só quando a coisa está fora do limite é que eles se preocupam! Há professores de educação especial na Secretaria de Educação. Se eu preciso, eles orientam os professores. Como o senhor, Doutor, pode ver, sou uma mãe preocupada com o desenvolvimento do meu filho na escola e vou atrás de qualquer coisa se for melhor para meu filho! Exijo muito também. Desde que ele entrou na escola tem acompanhamento da Secretaria de Educação, a qual exige que eu o leve para fazer os procedimentos médicos, mas nunca vi o trabalho deles ajudar no desenvolvimento do meu pequeno, o fato só se agrava. Hoje, na escola, ele é agressivo! Bom, acho que desabafei demais...

Confesso que esse primeiro discurso de Maria me deixou muito encabelado. **O tempo todo ela acusou a escola**

e os professores pelo fracasso de seu filho, mas em nenhum momento ela falou sobre a real deficiência de Pedro, diagnóstico e tratamento feito. Pelo contrário, ela demonstrava até certa resistência com relação a isto. Resolvi, então, começar minha investigação por aí e disse:

- Bem, Maria, ouvi seu relato e percebi vários pontos nele que me despertaram a atenção. Pensei em até fazer alguns comentários, mas não sei se essa é a sua vontade, mas, se você quiser, podemos conversar sobre o caso do seu filho e estudar melhores caminhos para orientá-lo.

- Claro que pode fazer os comentários que quiser, pois quando vim até aqui foi para ver e para ter mais informações... Eu agradeceria muito!

- Bem, Maria, mas antes de eu fazer meus apontamentos, quero fazer três perguntas a você: **Seu filho faz ou já fez algum tipo de terapia?**

- O único tratamento que ele fez foi com fonoaudióloga e psicóloga por seis meses.

- Ele já teve **alguma experiência em Escolas Especiais?**

- Quando entrou na escola, foi mais pelo convívio com outras crianças e por acharem que isso ajudaria nas outras dificuldades, como fala e coordenação. Nunca foi mandado para uma escola especial, mesmo porque onde moro só há uma e, como ele não tem diagnóstico, é difícil.

- **Ele está numa escola regular por sua vontade de mãe ou pela política da inclusão escolar?**

- Por minha vontade também, pois me disseram que se eu o colocasse numa escola especial ele poderia regredir, e somente mais agora pela política da inclusão...

Já era o momento de começar meus aconselhamentos:

- Bem, Maria, farei algumas considerações sinceras. Eu posso compreender bem o universo do seu filho por ter a mesma deficiência que ele. O que sinto é que, **infelizmente, vocês, escola e família, estão focando somente na parte intelectual do Pedro e não estão se atentando para outras reais necessidades que ele tem. Uma criança com problema de desenvolvimento psicomotor precisa ser assistida por fisioterapeuta e terapeuta ocupacional para se desenvolver ao máximo sua maneira global.**

- Doutor, e a questão de ele ser uma criança agressiva, bater nos professores e algumas crianças às vezes quando é contrariado ou às vezes sem motivo?

- Então, isso também é reflexo da falta do desenvolvimento global. Ele tem noção que não é totalmente igual aos demais colegas e, **por não ter sido preparado para chegar ao mais próximo de suas possibilidades e lidar com suas limitações**, ao ver seus coleguinhas, isso se manifesta nele em forma de agressividade.

- A escola me cobra muito referente a levá-lo em especialistas.

- Viu como eles têm a mesma visão que a minha?

- Mas não vejo cooperação nenhuma dos professores tentarem ter paciência, enfim, eles não têm especialidade nenhuma em educação especial que, pelo que sei, ajudaria muito!

- No fundo, Maria, esses professores também estão perdidos, pois seu filho, **se estimulado corretamente por outros profissionais de acordo com as reais necessidades, poderia estar muito melhor na escola, tanto no comportamento como na aprendizagem.**

- Fui forçada a levá-lo a um psiquiatra que o medicou contra minha vontade – às vezes Maria repetia os mesmos discursos.

- Aqui, concordo com você, pois pelo pouco que sei o caso do seu filho não é para psiquiatra e sim para terapias de apoio que ele nunca teve e das quais necessita muito!

- Na escola, ele sempre foi tratado como uma criança diferente, nunca tentaram introduzi-lo entre os colegas. Vejo em Pedro um trauma da escola, pois todos os dias ele me pergunta se tem que retornar no dia seguinte.

- Então, aqui questiono: **será que essa vontade de manter o Pedro numa escola dessa não está tendo um efeito retroativo? Em vez de ele gostar, dia a dia ele está tomando mais mágoa da escola... Assim, qual aprendizado esse menino pode ter?**

Maria ficou pensativa, sem uma resposta. Continuei com minhas observações:

- Veja bem, Maria, de modo geral, acredito mesmo que seu filho não deva ir para uma Escola Especial. Ele tem toda a condição de ser educado numa escola normal, mas para que isso realmente ocorra, não basta só colocá-lo na escola e exigir dos professores, pois estes também são vítimas de uma política mal-entendida da Educação Inclusiva. **Você, como mãe, precisa enxergar o Pedro como uma criança normal sim, mas ter ao mesmo tempo noção que ele é uma criança com necessidades especiais: necessidades de fisioterapia para o seu desenvolvimento psicomotor, necessidades de fonoaudiologia para sua fala, necessidades de terapia ocupacional para desenvolver suas autonomias o quanto mais possíveis nas atividades diárias, necessidades de uma psicopedagoga para ser um reforço escolar na aprendizagem dele e necessidades de uma psicóloga realmente especializada em crianças com necessidades especiais para, principalmente, trabalhar a agressividade e a autoestima dele.**

Percebi que ela começou a ficar emocionada e continuei:

- Minha sugestão, Maria, é que ele esteja meio período numa Escola Especial e meio período na escola da prefeitura. Isso não significa que o lugar dele seja a Escola Especial, mas que ela seja o apoio que o Pedro precisa, **pois ali ele encontrará profissionais realmente preparados para lidar e superar as necessidades dele. Esse é o modelo que tem dado certo para muitas crianças, ou seja, um estudo de forma mista. E, ao longo do tempo, ele deslanchará na escola pública. Se você se atentar para isso, seu filho terá possibilidades enormes para vida dele. Pense bem. Quando eu era pequeno, minha mãe fez tudo isso por mim. E hoje sou um Doutor!**

Após essa conversa, Maria deixou meu consultório e voltou à sua cidade. Dias depois, ela me enviou este e-mail:

Doutor, não sei nem como agradecer o senhor pela sugestão e aconselhamento dados a mim. Neste momento e com tudo isto, sei que direção tomar e digo mais: ainda neste ano retornarei às consultas dele de fono e retornarei a um psicólogo. Corrirei atrás de uma terapia ocupacional, a qual ele não fazia ainda, pois meu plano de saúde não dava cobertura e, por isso, estou renovando com outro plano que me dê maior cobertura, pois pelo SUS sempre foi mais difícil tal acompanhamento! Vou me focar agora mais que nunca com estes tratamentos. Em relação à escola especial, não sei ainda se tem aqui na minha cidade, acredito que não, pois, quando ele entrou na escola, as crianças com deficiência estavam indo para uma escola convencional. Muito obrigada por tudo...

TRECHO DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

8. Dentro das escolas inclusivas, crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer suporte extra requerido para assegurar uma educação efetiva. Educação Inclusiva é o modo mais eficaz para construção de solidariedade entre crianças com necessidades educacionais especiais e seus colegas. O encaminhamento de crianças a escolas especiais, a classes especiais ou a sessões especiais dentro da escola em caráter permanente deveriam constituir exceções, a ser recomendado somente naqueles casos infrequentes em que fique claramente demonstrado que a educação na classe regular seja incapaz de atender às necessidades educacionais ou sociais da criança ou quando sejam requisitados em nome do bem-estar da criança ou de outras crianças.

9. A situação com respeito à educação especial varia enormemente de um país a outro. Existem, por exemplo, países que possuem sistemas de escolas especiais fortemente estabelecidos para aqueles que possuam impedimentos específicos. Tais escolas especiais podem representar um valioso recurso para o desenvolvimento de escolas inclusivas. Os profissionais destas instituições especiais possuem nível de conhecimento necessário à identificação precoce de crianças portadoras de deficiências. Escolas especiais podem servir como centro de treinamento e de recurso para os profissionais das escolas regulares. Finalmente, escolas especiais ou unidades dentro das escolas inclusivas podem continuar a prover a educação mais adequada a um número relativamente pequeno de crianças portadoras de deficiências que não possam ser adequadamente atendidas em classes ou escolas regulares. Investimentos em escolas especiais existentes deveriam ser canalizados a

este novo e amplificado papel de prover apoio profissional às escolas regulares no sentido de atender às necessidades educacionais especiais. Uma importante contribuição às escolas regulares que os profissionais das escolas especiais podem fazer refere-se à provisão de métodos e conteúdos curriculares às necessidades individuais dos alunos.

3

CONVERSANDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE SEU FILHO E OS EFEITOS POSITIVOS DAS DEFICIÊNCIAS

Na minha conversa de consultório no capítulo anterior, falei algumas vezes de *desenvolvimento global*. Quis mostrar que as terapias e os acompanhamentos necessários que a deficiência de seu filho pode precisar são tão importantes quanto à vida escolar dele.

Dentro da Escola, entendo a Inclusão Escolar não só como o processo de transferir o conteúdo aos alunos, mas, também, o ato de promover de forma natural a interação social entre todos. O **desenvolvimento global de seu filho precisa passar por um sistema de cooperação e convivência entre família, escola, professores, colegas e sociedade em geral**. Precisa-se promover noções de respeito entre as diferenças e, dentre outros aspectos, o desenvolvimento psicomotor de seu filho e de todas as crianças. Isso porque

quando seu filho com algum tipo de deficiência vê seus colegas sem deficiência realizando certas tarefas, ele será estimulado a imitar e autoestimulará, superando suas próprias deficiências. Estímulos estes que seu filho não teria se ficasse em instituições especializadas entre alunos com deficiências semelhantes. Só que, para chegar a este estágio, alguns caminhos e mudanças de mentalidades precisam ocorrer. É sobre elas que vamos conversar neste capítulo.

Há importâncias e benefícios em se colocar uma criança com deficiência entre crianças sem deficiência, inclusive, posso afirmar isto com conhecimento de causa. Durante os anos 70, estudei por nove anos numa instituição totalmente fechada para pessoas com deficiência – época da institucionalização. Meu progresso foi pequeno, mas, no início da adolescência, fui transferido para uma pequena cidade do interior paulista, indo estudar numa escola de ensino regular. Ali, convivendo com amigos sem deficiência, tanto na escola quanto nas atividades e brincadeiras por toda a cidade, muitas vezes tive que me superar para acompanhá-los. Ali sim ocorreu o meu real desenvolvimento pessoal, físico e intelectual. Hoje, um filme passa por minha memória dessa época: a maneira natural que fui aceito no grupo escolar, do qual tenho o privilégio de, há quase trinta anos, ainda ter a amizade e contatos com alguns professores e amigos daquela época. **Acredito que o processo de Inclusão Escolar e Social tem muito mais chances de sucesso em cidades pequenas. Nesses lugares, ainda encontramos algo fundamental no coração das pessoas: amor e capacidade de auxiliar e incluir a todos nos mesmos círculos de relações. Tudo é natural.**

Entretanto, quero falar um pouco sobre um teórico que gosto muito: Lev Semionovitch Vygotsky (1896-1934),

psicólogo bielo-russo, descoberto nos meios acadêmicos ocidentais depois da sua morte causada por tuberculose aos 37 anos. Pensador importante, **Vygotsky foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.** Em “*Obras Completas – Elementos da Defectologia*”, abordou de forma pioneira e sistemática assuntos relacionados à criança ou à pessoa com deficiência com grande significado, gerando ideias e um novo modo de ver tais questões, descrevendo que elas têm dois tipos de deficiências:

- **Deficiência primária:** Trata-se da deficiência propriamente dita – impedimento, dano ou anormalidade de estrutura ou função do corpo, restrição/perda de atividade, sequelas nas partes anatômicas do corpo, tais como órgãos, membros e seus componentes, incluindo a parte mental e psicológica com um desvio significativo ou perda.
- **Deficiência secundária:** São as consequências, dificuldades e desvantagens geradas pela primária. No caso, tudo aquilo que uma pessoa com deficiência não consegue realizar em função de sua limitação. Uma situação de desvantagem às demais pessoas sem deficiência, podendo o indivíduo encontrar limitações na execução de atividades, restrições de participação ao se envolver em situações de vida em ambiente físico, social e em atitude, na qual as pessoas vivem e conduzam sua vida.

A partir dessa divisão, podemos dizer que, enquanto família, educadores, profissionais de saúde e de reabilitação,

precisamos focar nossas atividades em ajudar a criança e/ou a pessoa a superarem suas deficiências secundárias e não focarmos principalmente nas deficiências primárias. Creio que a família e principalmente os pais sabem disso melhores que ninguém!

Concentrando atenção e estimulando as habilidades das crianças e pessoas com deficiência, podemos formar a base para o desenvolvimento de suas capacidades integrais. Ao longo de uma década, tenho estudado muito a obra de Vygotsky, o qual já tomo a liberdade de chamá-lo de meu amigo. Esse nosso amigo focalizou o desenvolvimento de criança com deficiência, destacando os aspectos qualitativamente diversos, ou seja, não apenas de suas diferenças orgânicas, mas principalmente de suas relações sociais. Ele afirmava que **essas crianças e pessoas não são menos desenvolvidas em determinados aspectos que as sem deficiência e, sim, desenvolvem-se de outra maneira. Suas forças eram muito mais importantes do que suas faltas.**

Vygotsky rejeitava as descrições simplesmente quantitativas, em termos de traços psicológicos refletidos nos testes de psicologia, destacando que esses instrumentos apenas indicavam uma visão incompleta ou unidimensional sobre a criança. Preferia, então, confiar nas descrições qualitativas da organização de seus comportamentos.

Aprendi com o Vygotsky que, ao nascer ou ao adquirir uma deficiência, a criança passa a ocupar certa posição social especial, levando-a a ter relações com o mundo de maneira diferente dos relacionamentos que envolvem as crianças ditas normais. Contudo, ele afirmava que **uma deficiência para uma criança ou adulto pode e deve ser encarada como uma constante estimulação para o**

desenvolvimento mental. Se um órgão, devido a uma deficiência funcional, não é capaz de enfrentar uma tarefa, o sistema nervoso central e o aparato mental compensam a deficiência pela criação de uma superestrutura psicológica que permite superar o problema. Desta forma, a criança ou pessoa com deficiência sempre encontrará alguma forma ou adaptações necessárias para conseguir fazer o que deseja de uma forma ou outra. Isso é verdade, pois na minha vida pessoal sempre foi assim.

São o que Vygotsky intitulou de *efeitos positivos da deficiência*, caminhos no curso do desenvolvimento que permitem atingir determinados objetivos ou funções, marcando a singularidade do desenvolvimento da criança ou pessoa com deficiência. Embora o desenvolvimento apresente algum desvio fora da normalidade, seguindo caminhos especiais, as leis que regem o desenvolvimento cognitivo e psicológico dessa criança são as mesmas que guiam o desenvolvimento das crianças ditas normais.

Mas onde realmente podem surgir os conflitos na vida de uma criança com deficiência? Simples... Os conflitos surgem a partir do contato dela com o meio exterior e podem criar estímulos para sua superação. Assim, as deficiências poderiam causar limitações e obstáculos para o desenvolvimento da criança, mas também estimulariam processos cognitivos.

Entendendo melhor, **o grau de normalidade de seu filho depende de sua adaptação social, ou seja, quanto mais uma criança ou adulto com deficiência estiver incluído e participando do maior número possível das atividades de sua comunidade, menores serão os impactos e efeitos negativos limitantes decorrentes de seu problema.**

Será fundamental que vocês, enquanto pais e família, estimulem seus filhos **a encarar suas limitações não como**

obstáculo, mas como um desafio e processo criativo da luta dele contra tudo que o limita. Talvez, conhecendo essa visão que Vygotsky descrevia sobre as crianças com deficiência, dizendo que o grau de normalidade depende da adaptação social e que os *efeitos positivos das deficiências* podem estimular o desenvolvimento cognitivo e psicológico de seus filhos, pais e/ou familiares poderão diminuir suas ansiedades, dado que estas nada mais são que a falta de um conhecimento prévio.

Infelizmente, podemos concluir que, de modo cultural, sempre atribuímos uma série de qualidades negativas a uma criança ou pessoa com deficiência, **focando principalmente as dificuldades de seus desempenhos, dado que pouco conhecemos das suas particularidades positivas.** Todavia, para Vygotsky “**é impossível apoiar-se no que falta a uma criança e naquilo que ela não é. Torna-se necessário ter uma ideia, ainda que seja vaga, sobre o que ela possui e sobre o que ela é**”.

Enquanto familiares e profissionais de psicologia, educação ou áreas afins, precisamos perder essa cultura de focar a deficiência em si mesma, ou seja, no que falta na pessoa. Devemos buscar outros entendimentos de como se apresenta processo de desenvolvimento dessas pessoas, como elas interagem com o mundo, organizam seus sistemas de compensações (as trocas e as mediações que auxiliam na sua aprendizagem), a participação ou exclusão da vida social, a internalização dos papéis vividos, as concepções que se têm sobre si mesmas. Desta forma, entenderemos que as suas histórias de vida são propostas lançadas já há muitas décadas pelo nosso amigo Vygotsky.

TRECHOS DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

INFORMAÇÃO E PESQUISA

36. A disseminação de exemplos de boa prática ajudaria o aprimoramento do ensino e aprendizagem. Informação sobre resultados de estudos que sejam relevantes também seria valiosa. A demonstração de experiência e o desenvolvimento de centros de informação deveriam receber apoio em nível nacional, e o acesso a fontes de informação deveria ser ampliado.

37. A educação especial deveria ser integrada dentro de programas de instituições de pesquisa e desenvolvimento e de centros de desenvolvimento curricular. Atenção especial deveria ser prestada nesta área e a pesquisa-ação deveria local em estratégias inovadoras de ensino-aprendizagem. Professores deveriam participar ativamente tanto na ação quanto na reflexão envolvidas em tais investigações. Estudos-piloto e estudos de profundidade deveriam ser lançados para auxiliar tomadas de decisões e para prover orientação futura. Tais experimentos e estudos deveriam ser levados a cabo numa base de cooperação entre vários países. (...)

PREPARAÇÃO PARA A VIDA ADULTA

53. Jovens com necessidades educacionais especiais deveriam ser auxiliados no sentido de realizarem uma transição efetiva da escola para o trabalho. Escolas deveriam auxiliá-los a se tornarem economicamente ativos e provê-los com as habilidades necessárias ao cotidiano da vida,

oferecendo treinamento em habilidades que correspondam às demandas sociais e de comunicação e às expectativas da vida adulta. Isto implica tecnologias adequadas de treinamento, incluindo experiências diretas em situações da vida real, fora da escola. O currículo para estudantes mais maduros e com necessidades educacionais especiais deveria incluir programas específicos de transição, apoio de entrada para a educação superior sempre que possível e consequente treinamento vocacional que os prepare a funcionar independentemente enquanto membros contribuintes em suas comunidades e após o término da escolarização. Tais atividades deveriam ser levadas a cabo com o envolvimento ativo de aconselhadore vocacionais, oficinas de trabalho, associações de profissionais, autoridades locais e seus respectivos serviços e agências.

4

A FAMÍLIA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO E REABILITAÇÃO DE UM FILHO COM DEFICIÊNCIA

Neste capítulo, farei um parêntese na questão de Inclusão Escolar para conversarmos sobre alguns aspectos psicológicos sobre ter um filho com deficiência, ok?

Eu sei que quando um casal une-se pelo matrimônio é desejo de ambos a constituição de uma família. A cada gravidez, há uma nova expectativa: o sexo do bebê, a cor dos olhos, se vai ter a covinha como a do papai, se o cabelo vai ser parecido com o da mamãe... Enfim, são feitos projetos com relação ao filho que ainda vai nascer. Entretanto, muitas vezes há problemas que começam na própria maternidade ou logo após o nascimento. Ao perceberem alguma anormalidade na criança, obstetra, anestesista, pediatra,

enfermeiros e outros especialistas que acompanham o parto acabam, às vezes, dando a notícia de um modo muito frio, sem se preocuparem, a priori, com o trauma que podem provocar.

Um abalo assim provocado causa reações de choro, silêncio absoluto, tristeza, grito... Os pais acusam os médicos ou o hospital de serem culpados pelo fato. Ao se verem numa situação como esta, muitos se sentem angustiados, sozinhos e sem saber o que fazer. Sensação de culpa e sentimentos de infelicidade surgem inevitavelmente. Estas reações negativas e pessimistas frente ao fato dificultam, ainda mais, o momento, podendo gerar consequências maiores do que as reais.

Por outro lado, alguns pais, talvez mais estruturados, buscam informações exatas, evitando, assim, sofrimentos desnecessários.

Quanto ao choque e reações iniciais, temos o depoimento pessoal de Iva Folino Proença que, em seu livro “Posso ajudar você?” (Edcon, 1987), narra a sua experiência. Segundo ela, depois de algum tempo do nascimento de seu filho, José Manoel, percebeu que algo anormal se passava com ele. Resolveu levá-lo a um médico que, após examiná-lo, disse simplesmente: “Esta criança é mongoloide”. Foi um grande choque, como ela mesma explica: “Vesti a criança e saí de lá como quem foge do inferno. Quando me vi na rua, mil coisas passaram pela minha cabeça, inclusive, deixar aquele embrulhinho encostado num canto qualquer e ir embora ou oferecê-lo a alguma pessoa entre as centenas que passavam apressadas. Eu queria livrar-me daquele fardo – era pesado

demais para mim. Atordoada, sem saber a quem recorrer para dividir minha aflição, lembrei-me da figura de meu sogro, muito paternal e amigo. Por que será?” (...)

Iva declara não ter aceitado de início o problema de seu filho, tentando, muitas vezes, ocultar a realidade. Isto, porém, começou a mudar a partir de uma sacudida de sua amiga que disse: “Sabe o que mais, Iva? Pare de dizer que o José Manoel não anda porque é gordo, crie coragem e enfrente a realidade. Ele não anda porque é uma criança diferente das outras. Quando perguntarem por que ele não anda, diga a verdade. Diga que ele nasceu com um problema e que vai demorar mais do que os outros para andar, falar e se desenvolver, enfim, pare de mentir! Isto não faz bem para você, nem para ele e nem para ninguém”.

Ao receberem a notícia de ter um filho com algum tipo de deficiência, o problema das reações dos pais se dá porque as famílias não estão preparadas para receberem um membro fora dos padrões estabelecidos, principalmente porque recebem toda carga ideológica que reina no interior de nossa cultura. Surgem reações variadas: rejeição, simulação, segregação, superproteção, paternalismo exagerado ou até mesmo piedade, sentimentos naturais de medo, dor, desapontamento, culpa, vergonha, frustrações e uma sensação geral de incapacidade e impotência. Ter uma deficiência em nossa sociedade sempre adquire uma conotação negativa, gerando pensamentos do tipo “será que aquele membro dará sempre muito trabalho, viverá encostado à custa da família?”, dentre tantos outros pensamentos.

A participação dos pais na reabilitação

Talvez por problemas do dia a dia, sejam socioculturais ou mesmo uma falta maior de conhecimentos, os pais deixam de participar do desenvolvimento de seus filhos. Alguns, ao entregarem a criança a uma instituição, acham que alguém tem que fazer algo pelo seu filho e se acomoda. Neste sentido, cabe também aos próprios técnicos que trabalham pela criança lutarem contra este tipo de pensamento e postura, mostrando que a responsabilidade pela criança não cabe totalmente à instituição ou à escola e que cada um tem de assumir e desempenhar o seu papel.

O contato social começa dentro do lar. É importante que uma criança com deficiência sinta-se bem ao lado de sua família que, por sua vez, deve levá-la a passeios e atividades fora do lar, de modo que, desde cedo, inicie-se um processo de sociabilização.

No livro “Realidade” (Graf Set, 1984), a autora e minha amiga Dirce Bertachini e Silva, mãe de um rapaz com síndrome de Down, relata como enfrentou este problema: “O que sempre contou e conta em nossas vidas é a união. Sempre saíamos os quatro para os passeios, até mesmo a campos de futebol, momento que o Júnior fazia parar o jogo com suas corridas no meio do campo, ou à igreja, mesmo dando mil voltas pelos bancos, mas nós não deixávamos de levá-lo. Ele sempre foi parte integrante da família”.

Um número muito restrito de amigadas deixa a criança insegura e com problemas futuros de relacionamento. Não se deve criar qualquer tipo de preconceito ou discriminação dentro do próprio lar. Sendo ocultada, a criança, quando adulta, será uma desconhecida na sociedade em que vive com sua família, tendo, assim, menos chances de inclusão.

Como qualquer outra criança, também a que tem deficiência sente-se insegura e cheia de dúvidas, procurando sempre a proteção dos pais, os quais nunca deverão negar esta segurança, mas encorajá-la a crescer confiante em si mesma. Conseqüentemente, ela vencerá as suas próprias limitações. Ainda no livro de Dirce, ela relata como colaborou no processo de socialização de seu filho Evandro: “Costumávamos passear nas praças, visitar lojas, ele sempre foi muito curioso e olhava tudo com muita atenção. Era só ter paciência e explicar aos vendedores que ele estava só conhecendo os artigos. Quando ele emburrava que queria algum brinquedo, eu dizia: - Não, hoje estamos só olhando. Demorava um pouco, mas eu ia explicado e a birra passava. Não era fácil, mas era compensador. Passeávamos, ele conhecia as pessoas e as pessoas ficavam conhecendo-o”.

Sempre que possível, é importante a participação dos pais no acompanhamento do tratamento de seu filho. A integração entre pais e profissionais é fundamental porque ninguém, além deles, conhece melhor o seu filho. São os pais que convivem 24 horas por dia e aglomeram informações valiosas para o aperfeiçoamento no tratamento. Esta colaboração traduz-se num incentivo muito grande aos profissionais, estimulando-os a lidar com estas crianças. Este entrosamento é primordial para que ambas as partes

(pais e profissionais) encontrem a melhor maneira de tratamento para a criança. Esta, por sua vez, observando a união entre eles, vai se sentir melhor e terá maior confiança naqueles profissionais que a assistem.

Comportamentos negativos

Se de um lado o tratamento dentro do lar é fundamental para o desenvolvimento da criança com deficiência, por outro há casos de superproteção por parte de alguns pais, o que prejudica na formação dela. A educação recebida pela criança reflete no seu futuro. No livro “Vida de quem não vê”, o autor J. Espínola Veiga (com deficiência visual total) faz uma bela descrição sobre isto: “O filho vai dos três para os quatro anos e nada lhe ensinam. Coitadinho, deixa!... Mexem-lhe o café, picam-lhe o pão, põem-lhe a comida na boca, descascam-lhe a banana, deixam-lhe que meta a mão no prato. Coitadinho! Já basta o que ele sofre!... E a criança não sofre nada com a falta da vista (...). Sofrerá, sim, mais tarde, a consequência dessa educação mal-dirigida”.

Nota-se que esse tipo de comportamento é maior nas mães, não permitindo que o filho sofra o mínimo de frustração que é importante para o seu desenvolvimento. Poderá deixar de lado sua vida para dirigir toda a sua atenção a esse filho. Como se não fosse mais digna de ter um momento para si, não consegue uma descarga adequada para as suas tensões e seu conflito aumenta. Isso se reflete com dificuldades no seu relacionamento conjugal e com os outros filhos.

A criança superprotegida pela mãe pode desenvolver tipos de comportamento, como possessividade e egocentrismo, baixa tolerância à frustração, revolta ou apatia.

A interferência do psicólogo nessa relação mãe-filho deve ser cuidadosa, pois nem sempre ela se dará de forma tranquila, pois há uma vinculação muito forte entre ambos. A mãe precisará ser conscientizada que nesse trabalho estaremos avaliando o seu filho para poder ajudá-la a direcionar o processo de aprendizagem, de modo a orientar a família e os profissionais que estiverem atendendo a criança, facilitando esse processo e o tornando menos sofrido para todos os envolvidos.

Há casos em que os pais permitem que a criança faça tudo o que quiser. Muitas vezes, não a encaminha aos tratamentos necessários, simplesmente porque a criança diz “pai, não quero ir!”. Dão tudo o que a criança pede, criando-a nesta superproteção. Ela não vive entre outras crianças, oportunidade essa em que poderia estar desenvolvendo o psicomotor, as suas possibilidades, além da imaginação e faculdade intelectual. Assim, a criança crescerá com uma visão totalmente distorcida do mundo. Só conhecerá um mundo em que tudo é fácil, em que se tem tudo o que se quer. Os pais estão, assim, contribuindo para a sua regressão, não permitindo que suas potencialidades afluam naturalmente.

Muitas crianças com deficiências são discriminadas pelos próprios pais que, ao saberem que seu filho nasceu com alguma deficiência, separam-se, não aceitando o fato de ter um filho assim. Há casos de pais que ocultam a

existência desse filho. Alguns, economicamente mais privilegiados, mandam construir casas em cidades vizinhas, enviando os seus filhos para lá para ficarem aos cuidados de pessoas estranhas. Eles esquecem que aquela criança, seja qual for sua deficiência, também possui inteligência e talentos concedidos por Deus e precisa do apoio de seus pais para se desenvolver. **A conscientização de que aquele é o seu filho, apesar da sua deficiência, e de que ele precisará do apoio parental para vencer é de suma importância.**

Os irmãos

Algumas reações, dúvidas, perguntas e problemas podem surgir por parte dos irmãos. Sentimentos como ciúmes, inveja, raiva, superproteção, orgulho, culpa, preocupação, solidão e negação.

O modo como os irmãos são criados (com e sem deficiência) é fundamental: se ambos forem tratados naturalmente iguais, o sem deficiência verá, a certa altura, que seu irmão tem algo diferente, por exemplo, no seu corpo, mas vai tratá-lo sem qualquer indiferença, aceitando-o em suas brincadeiras e orgulhando-se do irmão. Agora, se o tratamento for diferente, o irmão sem deficiência poderá vir a se sentir um pouco marginalizado pelos pais, pois superprotegem o filho com deficiência. Ele poderá até vir a discriminar o irmão superprotegido.

Alguns irmãos enfrentam dificuldades em relação aos amigos. É comum que estes amigos caçoem de outras

pessoas com deficiência em sua frente. Ao cometerem algum erro, podem dizer que ele tem problemas como o irmão. Na presença deles, o irmão com deficiência pode fazer algo que envergonhe o seu irmão sem deficiência. **Muitas crianças e jovens não fazem isso por maldade, mas sim por falta de informação sobre o que é uma criança com necessidades especiais.**

TRECHO DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

47. A provisão de serviços de apoio é de fundamental importância para o sucesso de políticas educacionais inclusivas. Para que se assegure que, em todos os níveis, serviços externos sejam colocados à disposição de crianças com necessidades especiais, autoridades educacionais deveriam considerar o seguinte:

48. Apoio às escolas regulares deveria ser providenciado tanto pelas instituições de treinamento de professores quanto pelo trabalho de campo dos profissionais das escolas especiais. Os últimos deveriam ser utilizados cada vez mais como centros de recursos para as escolas regulares, oferecendo apoio direto aquelas crianças com necessidades educacionais especiais. Tanto as instituições de treinamento como as escolas especiais podem prover o acesso a materiais e equipamentos, bem como o treinamento em estratégias de instrução que não sejam oferecidas nas escolas regulares.

49. O apoio externo do pessoal de recurso de várias agências, departamentos e instituições, tais como professor-consultor, psicólogos escolares, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, etc., deveria ser coordenado em nível local. O agrupamento de escolas tem comprovadamente se constituído numa estratégia útil na mobilização de recursos educacionais bem como no envolvimento da comunidade. Grupos de escolas poderiam ser coletivamente responsáveis pela provisão de serviços a alunos com necessidades educacionais especiais em suas áreas e (a tais grupos de escolas) poderia ser dado o espaço necessário para alocarem os recursos conforme o requerido. Tais arranjos também deveriam envolver serviços não educacionais. De fato, a experiência sugere que serviços educacionais se beneficiariam significativamente caso maiores esforços fossem feitos para assegurar o ótimo uso de todo o conhecimento e recursos disponíveis.

5

AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS E AS POSSIBILIDADES DE SEU FILHO

Esses dias estive pensando... Sempre usamos os padrões estabelecidos como metas a serem atingidas. Por exemplo, queremos que nossos filhos estudem como qualquer criança e atinjam uma faculdade e uma carreira de sucesso.

Mas você, enquanto pai ou mãe, já pensou que há outras possibilidades de seus filhos atingirem sucesso e serem integrados numa sociedade produtiva?

Que eles, principalmente àquele com deficiência mais acentuada, podem desenvolver outras atividades?

É isto que vamos conversar neste capítulo. Vou apresentar as **Múltiplas Inteligências** e suas muitas possibilidades. Elas foram desenvolvidas por Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard que se baseou nestas pesquisas para questionar a tradicional visão da inteligência, defendendo que todos os indivíduos são capazes de uma atuação em pelo menos sete diferentes e, até certo ponto, independentes áreas intelectuais, descritas no seu livro “Estrutura da Mente: A teoria das Inteligências Múltiplas” (Porto Alegre, Artes Médicas, 1994). O interessante é que Gardner aponta que não existem habilidades gerais. Assim como eu, esse teórico duvida da possibilidade de se medir a inteligência por meio de testes de papel e lápis e dá grande importância a diferentes atuações valorizadas em culturas diversas.

Partindo desse ponto de vista, Gardner criou a Teoria das Múltiplas Inteligências como alternativa para o conceito de inteligência, que a entende como uma capacidade inata, geral e única que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação. As habilidades humanas não são organizadas de forma horizontal. Gardner propõe que se pense nessas habilidades como organizadas verticalmente e que, em vez de haver uma faculdade mental geral como a memória, talvez existam formas independentes de percepção, memória e aprendizado em cada área ou domínio, tendo possíveis semelhanças entre as áreas, mas não necessariamente uma relação direta.

Nas Múltiplas Inteligências, segundo ele, os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências e maneiras diferentes com que elas se combinam e se organizam, utilizando-se dessas capacidades intelectuais para resolver problemas e criar produtos. Mesmo

sendo essas inteligências até certo ponto independentes uma das outras, elas raramente funcionam isoladamente, mas, na maioria dos casos, as ocupações ilustram bem a necessidade de uma combinação de inteligências.

Estabelecidos os critérios acima, foram identificadas as seguintes inteligências:

- **Inteligência linguística:** Uma sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de uma especial percepção das diferentes funções da linguagem. Habilidade para usar a linguagem para convencer, agradar, estimular ou transmitir ideias. No universo infantil, manifesta-se por meio da capacidade de contar histórias originais ou de relatar com precisão as experiências vividas.
- **Inteligência musical:** Habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical. Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre e habilidade para produzir e/ou reproduzir música. A criança pequena com habilidade musical especial percebe desde cedo os diferentes sons no seu ambiente e, frequentemente, canta para si mesma.
- **Inteligência lógico-matemática:** Uma sensibilidade para padrões, ordem e sistematização. Há habilidade para explorar relações, categorias e padrões por meio da manipulação de objetos ou símbolos. Há, também, experimentações de forma controlada, tendo-se

habilidade para lidar com séries de raciocínios, reconhecendo e resolvendo problemas. É a inteligência característica de matemáticos e cientistas. Gardner, porém, explica que, embora o talento científico e o talento matemático possam estar presentes num mesmo indivíduo, os motivos que movem as ações dos cientistas e dos matemáticos não são os mesmos. Enquanto os matemáticos desejam criar um mundo abstrato consistente, os cientistas pretendem explicar a natureza. A criança com especial aptidão nesta inteligência demonstra facilidade para contar e fazer cálculos matemáticos e para criar notações práticas de seu raciocínio.

- **Inteligência espacial:** Capacidade para perceber o mundo visual e espacial de forma precisa com habilidade para manipular formas ou objetos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, criar tensão, equilíbrio e composição numa representação visual ou espacial. É a inteligência dos artistas plásticos, dos engenheiros e dos arquitetos. Em crianças pequenas, o potencial especial nessa inteligência é percebido pela habilidade com quebra-cabeças e outros jogos espaciais, atentando-se a detalhes visuais.
- **Inteligência cinestésica:** Habilidade para resolver problemas ou criar produtos por meio do uso de parte ou de todo o corpo, usando a coordenação grossa ou fina em esportes, artes cênicas ou plásticas no controle dos movimentos do corpo e na manipulação de objetos com destreza. A criança especialmente

dotada dessa inteligência move-se com graça e expressão a partir de estímulos musicais ou verbais, demonstrando uma grande habilidade atlética ou uma coordenação fina apurada.

- **Inteligência interpessoal:** Habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. A criança com essas habilidades é mais bem-apreciada na observação de psicoterapeutas, professores, políticos e vendedores bem-sucedidos. Na sua forma mais primitiva, a inteligência interpessoal manifesta-se em crianças pequenas como a habilidade para distinguir pessoas, e na sua forma mais avançada como a habilidade para perceber intenções e desejos de outras pessoas, reagindo apropriadamente a partir dessa percepção. Crianças especialmente dotadas demonstram muito cedo uma habilidade para liderar outras crianças, uma vez que são extremamente sensíveis às necessidades e sentimentos de outros.
- **Inteligência intrapessoal:** É o correlativo interno da inteligência interpessoal, sendo a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e ideias, discriminando-os e lançando mão deles na solução de problemas pessoais. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências próprias. Há capacidade para formular uma imagem precisa de si, usando habilidosamente para funcionar de forma efetiva. Como esta inteligência é a mais pessoal de todas, ela só é observável pelos sistemas simbólicos das outras inteligências, ou seja, por meio

de manifestações linguísticas, musicais ou cinestésicas.

Teoria das inteligências múltiplas e a educação

As Múltiplas Inteligências podem ser aplicadas na Educação Inclusiva e no rendimento educacional de seu filho com deficiência?

Sim, as implicações da teoria de Gardner para a educação são claras quando se analisa a importância dada às diversas formas de pensamento, aos estágios de desenvolvimento das várias inteligências e à relação existente entre estágios, aquisição de conhecimento e a cultura. Apresentam alternativas para algumas práticas educacionais atuais, oferecendo uma base para:

- a) O desenvolvimento de avaliações que sejam adequadas às diversas habilidades humanas.
- b) Uma educação centrada na criança com currículos específicos para cada área do saber.
- c) Um ambiente educacional mais amplo e variado, o qual dependa menos do desenvolvimento exclusivo da linguagem e da lógica.

Com relação à educação de seu filho com deficiência dentro da escola regular, podemos focar, por exemplo, que uma criança que aprende a multiplicar facilmente não é necessariamente mais inteligente que uma criança que tenha habilidades mais fortes em outro tipo de inteligência. A

criança que leva mais tempo para dominar uma multiplicação simples:

- 1) Pode aprender melhor a multiplicar por meio de uma abordagem diferente.
- 2) Pode ser excelente num campo fora da matemática.
- 3) Pode até está olhando e compreendendo o processo de multiplicação num profundo nível fundamentalmente. Fundamentalmente, uma compreensão mais profunda pode resultar em lentidão que parece e pode esconder uma inteligência matemática potencialmente maior que a de uma criança que rapidamente memoriza a tabuada, apesar de uma compreensão menos detalhada do processo de multiplicação.

Durante as atividades do dia a dia, é importante que se tire o maior proveito das habilidades individuais, auxiliando os estudantes a desenvolverem suas capacidades intelectuais. Aqui, quero conversar um pouco sobre um assunto que acho fundamental. O hábito que os pais e a família devem criar de prestar atenção e valorizar pequenas conquistas na vida diária de seus filhos com deficiência. Na vida diária, por exemplo, comer, vestir-se, tomar banho, sair de casa, dentre outras coisas, assim como fazer tudo isso sozinho é rotina na vida de qualquer um. Contudo, para nós que temos uma deficiência, cada conquista e cada autonomia de fazer sozinho as coisas têm um valor e uma alegria imensos. Posso até contar uma passagem. Tenho recebido muitos convites para fazer palestras pelo Brasil. Minha família me leva ao aeroporto e me busca de lá, mas quando me sinto sozinho caminhando lá dentro, embarcando entre gentes desconhecidas, voando, desembarcando em

lugares que nunca estive antes, rumo ao encontro de pessoas que nunca vi, isso me dá uma sensação de liberdade incrível, sinto-me cada vez mais confiante diante de minhas limitações. Isto também nas pequenas coisas. Ao longo da minha reabilitação, algumas ações, tais como aprender a alimentar-me pelas minhas próprias mãos, a cuidar da minha higiene pessoal, a vestir-me, a me barbear com o barbeador elétrico, a sair sozinho para estudar e trabalhar, dentre outras coisas corriqueiras para quem não tem deficiência, sempre tiveram um valor muito grande para mim. Por isto recomendo em alto e bom som: **ATENÇÃO E VALORIZAÇÃO ÀS PEQUENAS CONQUITAS DE SEU FILHO!**

Voltando ao que se refere à educação centrada no seu filho com deficiência, o parágrafo 4 (quatro) da Declaração de Salamanca diz que “uma pedagogia centrada na criança é benéfica a todos os estudantes e, conseqüentemente, à sociedade como um todo. A experiência tem demonstrado que tal pedagogia pode consideravelmente reduzir a taxa de desistência e repetência escolar (que são tão características de tantos sistemas educacionais) e, ao mesmo tempo, garantir índices médios mais altos de rendimento escolar. Uma pedagogia centrada na criança pode impedir o desperdício de recursos e o enfraquecimento de esperanças, que são freqüentes conseqüências de uma instrução de baixa qualidade e de uma mentalidade educacional, a qual é baseada na ideia de que "um tamanho serve a todos". Escolas centradas na criança são, além do mais, a base de treino para uma sociedade baseada no povo, que respeita tanto as diferenças quanto a dignidade de todos os seres humanos. Uma mudança de perspectiva social é imperativa. Por um tempo demasiadamente longo, os problemas das pessoas

com deficiência têm sido compostos por uma sociedade que inabilita, que tem prestado mais atenção aos impedimentos do que aos potenciais de tais pessoas”.

E com relação a essa educação centrada, há dois pontos importantes que sugerem a necessidade de se focar na individualização:

- 1) O primeiro diz respeito ao fato de que, se os indivíduos têm perfis cognitivos tão diferentes uns dos outros, as escolas deveriam, em vez de oferecer uma educação padronizada, tentar garantir que cada um recebesse a educação que favorecesse o seu potencial individual.**
- 2) O segundo ponto é igualmente importante: enquanto na Idade Média um indivíduo podia pretender tomar posse de todo o saber universal, hoje em dia essa tarefa é totalmente impossível, sendo mesmo bastante difícil o domínio de um só campo do saber.**

Assim, se há a necessidade de limitar-se à ênfase e à variedade de conteúdos, que essa limitação seja da escolha de cada um, favorecendo o perfil intelectual individual.

Quanto ao ambiente educacional, embora as escolas declarem que preparam seus alunos para a vida fora da escola, a vida certamente não se limita apenas a raciocínios verbais e lógicos. As escolas precisam favorecer o conhecimento de diversas disciplinas básicas, as quais:

- Encorajem seus alunos a utilizar esse conhecimento para resolver problemas e efetuar tarefas que estejam relacionadas com a vida na comunidade a que pertencem.**

- Favoreçam o desenvolvimento de combinações intelectuais individuais, a partir da avaliação regular do potencial de cada um.

A primeira implicação da teoria das **Múltiplas Inteligências** é que existem talentos diferenciados para cada atividade específica, o que aumenta em muito as possibilidades de sucesso em alguma área para o seu filho!

TRECHO DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

PARCERIA COM OS PAIS

57. A educação de crianças com necessidades educacionais especiais é uma tarefa a ser dividida entre pais e profissionais. Uma atitude positiva da parte dos pais favorece a integração escolar e social. Pais necessitam de apoio para que possam assumir seus papéis de pais de uma criança com necessidades especiais. O papel das famílias e dos pais deveria ser aprimorado pela provisão de informação necessária em linguagem clara e simples. O enfoque na urgência de informação e de treinamento em habilidades paternas constitui uma tarefa importante em culturas que a tradição de escolarização seja pouca.

58. Pais constituem parceiros privilegiados no que concerne às necessidades especiais de suas crianças e, desta maneira, eles deveriam, o máximo possível, ter a chance de poder escolher o tipo de provisão educacional que eles desejam para suas crianças.

59. Uma parceria cooperativa e de apoio entre administradores escolares, professores e pais deveria ser desenvolvida e pais deveriam ser considerados enquanto parceiros ativos nos processos de tomada de decisão. Pais deveriam ser encorajados a participar em atividades educacionais em casa e na escola (lugares em que eles poderiam observar técnicas efetivas e aprender como organizar atividades extracurriculares), bem como na supervisão e apoio à aprendizagem de suas crianças.

60. Governos deveriam tomar a liderança na promoção de parceria com os pais tanto por declarações políticas quanto legais no que concerne

aos direitos paternos. O desenvolvimento de associações de pais deveria ser promovido e seus representantes envolvidos no delineamento e implementação de programas que visem o aprimoramento da educação de seus filhos. Organizações de pessoas portadoras de deficiências também deveriam ser consultadas no que diz respeito ao delineamento e implementação de programas.

6

A PARCERIA ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE

Começo este capítulo reafirmando que é de fundamental importância que a família esteja engajada diretamente neste projeto de Escola Inclusiva. Não podemos esquecer inicialmente que o nascimento de uma criança com algum tipo de deficiência já traz várias reações e sentimentos à família e uma desorganização emocional, a qual só reencontrará o equilíbrio com a aceitação do fato. **Quanto maior for essa aceitação maior será o envolvimento no processo terapêutico e educacional da criança. Papéis que pais e professores desempenham no desenvolvimento e educação da criança são próximos e complementares e podem proporcionar à criança melhores oportunidades no desenvolvimento de suas capacidades, seja qual for a sua limitação.**

Posso propor a você, pai, mãe e/ou familiares, que uma das primeiras formas para realizar isto pode ser a de fazer a “lição de casa” com seu filho, fazendo uma revisão do que foi feito na sala de aula nesse dia e tendo atitudes como estas:

- Participar de reuniões da equipe escolar para planejar, adaptar o currículo e compartilhar sucessos.
- Ser incorporados pela escola como parceiros de planos da equipe, participando de todos os aspectos operacionais da escola.
- Estar nas atividades extracurriculares e terem acesso a treinamentos relevantes.
- A escola desenvolver informações sobre os serviços de apoio à família, pois nesta interação escola/família, a Inclusão Escolar obterá muito mais êxitos.

Quero mostrar doze pontos do texto “The Kansas checklist for identifying characteristics of effective inclusive programs”. Sua primeira edição saiu em novembro de 1993, tendo uma reimpressão em dezembro do ano seguinte. Este documento foi escrito por um grupo de técnicos e pais das seguintes cidades do Kansas: Horton, Hiawatha, Eudora, Sublette, Hugoton e Lakin. O documento também foi compilado por Terry Rafalowski-Welch, Michelle Luksa e Julie Mohesky-Darby. Segundo o texto, ocorre envolvimento da família nas práticas inclusivas da escola quando:

1. Existe, entre a escola e a família, um sistema de comunicação (telefonemas, cadernos etc.) com o qual ambas as partes concordam.
2. Os pais participam nas reuniões da equipe escolar para planejar, adaptar o currículo e compartilhar sucessos.
3. As famílias são reconhecidas pela escola como parceiras plenas junto à equipe escolar.
4. As prioridades da família são utilizadas como uma base para o preenchimento do Plano Individualizado de Educação (PIE) do seu filho, base essa que será completada com partes do conteúdo curricular.
5. Os pais recebem todas as informações relevantes (os direitos dos pais, práticas educativas atuais, planejamento centrado na pessoa, notícias da escola etc.).
6. Os pais recebem ou têm acesso a treinamento relevante.
7. Os pais são incluídos no treinamento com a equipe escolar.
8. Os pais recebem informações sobre os serviços de apoio à família.
9. Existem à disposição de membros das famílias serviços de apoio na própria escola (aconselhamento e grupos de apoio, informações sobre deficiências etc.).
10. Os pais são estimulados a participarem em todos os aspectos operacionais da escola (voluntários para salas de aula, membros do conselho da escola, membros da Associação de Pais e Mestres, treinadores etc.).

11. Existem recursos para as necessidades especiais da família (reuniões após o horário comercial, intérpretes da língua de sinais, materiais traduzidos etc.).
12. A escola respeita a cultura e a etnicidade das famílias e reconhece o impacto desses aspectos sobre as práticas educativas.

Todos esses pontos comprovam que a Escola Inclusiva envolve a participação da família e da comunidade, as quais podem contribuir para fortalecer e multiplicar as ações inclusivas. Isto prova mais uma vez que professores e diretores não podem promover a inclusão de uma criança com necessidades educacionais especiais sozinhos. Para esse sucesso, será de fundamental importância o envolvimento de todos!

Como eu já disse no capítulo anterior e volto a frisar sobre a importância de se dar “atenção e valorização às pequenas conquistas de um filho com deficiência”! Isto já será uma atitude positiva dos pais em relação à participação e às potencialidades dele e, também, à sua inclusão escolar e social.

Além da parceria entre escola e família, ambas devem buscar parcerias com outros setores da sociedade, visando promover meios para que as pessoas com deficiência sejam inseridas nesses espaços e para que a própria comunidade se desfaça de resistências e preconceitos. Para isso, há opções como os centros de esportes, saúde, recreação e juventude. Todos sairiam ganhando com a geração de um espaço de trocas e cooperação.

Fechando este capítulo, quero mostrar como forma ilustrativa este trecho do livro-cartilha “Educação Inclusiva: o

que o professor tem a ver com isso?” (Rede Saci, São Paulo, 2005), o qual aborda o envolvendo da comunidade escolar:

“É muito importante que a escola faça contatos com a sua comunidade. Muitas vezes, estes contatos ajudam a elevar a qualidade do atendimento escolar. No caso do atendimento às pessoas com deficiência, uma parceria feita com uma marcenaria, por exemplo, pode proporcionar um mobiliário mais adequado a estas necessidades. Por meio das Associações de Bairro pode-se melhorar a acessibilidade nas ruas daquela comunidade, para colocação de guias rebaixadas, por exemplo. Nas instituições especializadas no atendimento às pessoas com deficiência, pode-se conseguir: equipamentos como reglete, lupa, soroban (também chamado ábaco) para cegos e intérpretes de língua de sinais para surdos. Uma pessoa da comunidade que saiba linguagem de sinais (Libras) já é suficiente para que este conhecimento possa ser multiplicado e cada vez mais compartilhado com outras pessoas. A pessoa pode manter um diálogo constante com os postos de saúde, seja para encaminhar as crianças caso percebam algum sinal de deficiência, seja para trazer profissionais do posto para que possam falar para os alunos e seus pais sobre temas diversificados, tais como higiene bucal, exames de acuidade visual, importância de vacinação etc.” (pgs. 72-73).

TRECHO DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

61. A descentralização e o planejamento local favorecem um maior envolvimento de comunidades na educação e treinamento de pessoas com necessidades educacionais especiais. Administradores locais deveriam encorajar a participação da comunidade por meio da garantia de apoio às associações representativas e convidando-as a tomarem parte no processo de tomada de decisões. Com este objetivo em vista, mobilizando e monitorando mecanismos formados pela administração civil local, pelas autoridades de desenvolvimento educacional e de saúde, líderes comunitários e organizações voluntárias deveriam estar estabelecidos em áreas geográficas suficientemente pequenas para assegurar uma participação comunitária significativa.

62. O envolvimento comunitário deveria ser buscado no sentido de suplementar atividades na escola, de prover auxílio na concretização de deveres de casa e de compensar a falta de apoio familiar. Neste sentido, o papel das associações de bairro deveria ser mencionado no sentido de que tais forneçam espaços disponíveis, como também o papel das associações de famílias, de clubes e movimentos de jovens, e o papel potencial das pessoas idosas e outros voluntários, incluindo pessoas portadoras de deficiências em programas tanto dentro como fora da escola.

63. Sempre que a ação de reabilitação comunitária for provida por iniciativa externa, cabe à comunidade decidir se o programa se tornará parte das atividades de desenvolvimento da comunidade. Aos vários parceiros na comunidade, incluindo organizações de pessoas portadoras

de deficiência e outras organizações não governamentais deveria ser dada a devida autonomia para se tornarem responsáveis pelo programa. Sempre que apropriado, agências governamentais em níveis nacional e local também deveriam prestar apoio.

O Papel das Organizações Voluntárias 64: Uma vez que organizações voluntárias e não governamentais possuem maior liberdade para agir e podem responder mais prontamente às necessidades expressas, elas deveriam ser apoiadas no desenvolvimento de novas ideias e no trabalho pioneiro de inovação de métodos de entrega de serviços. Tais organizações podem desempenhar o papel fundamental de inovadores e catalizadores e expandir a variedade de programas disponíveis à comunidade.

65. Organizações de pessoas portadoras de deficiências, ou seja, aquelas que possuam influência decisiva deveriam ser convidadas a tomar parte ativa na identificação de necessidades, expressando sua opinião a respeito de prioridades, administrando serviços, avaliando desempenho e defendendo mudanças.

APÊNDICE

UMA ENTREVISTA NO JORNAL "O GLOBO"

“A Educação Inclusiva e o grande desafio pedagógico do século XXI”, diz o psicólogo Emílio Figueira*

A Educação Inclusiva é um dos temas mais abordados no momento. Esta semana, o psicólogo, psicanalista e escritor Emílio Figueira recebeu a nossa reportagem para uma entrevista exclusiva. Considerado um dos maiores especialistas neste assunto, Figueira viaja por várias partes do Brasil, fazendo palestras sobre Educação Inclusiva. Uma síntese do que tem falado está no seu novo livro O QUE É EDUCAÇÃO INCLUSIVA, publicado pela Coleção Primeiros Passos da editora Brasiliense. Confira alguns trechos da entrevistas:

* Publicada no Caderno de Educação em 24/06//2011

O GLOBO: O MEC recomenda que crianças com alguma deficiência sejam matriculadas em escolas regulares. No entanto, alguns pais têm medo que seus filhos não aprendam. Gostaria de saber o que é preciso para que uma escola seja realmente inclusiva e faça com que as crianças avancem.

FIGUEIRA: Realmente, tem sido muito grande o número de pais que me procuram perdidos sobre essa questão de terem filhos especiais sendo incluídos em escolas regulares. Essas conversas e orientações têm me inspirado e estou escrevendo os originais de um futuro livro de apoio a esses pais e mães para que saibam como poderão agir e também serem agentes para o sucesso da Educação Inclusiva. Mas creio e defendo que para a Educação Inclusiva avançar, temos que investir muito mais nos personagens mais importantes do sistema educacional: os professores! Treiná-los e habilitá-los, criar estratégias no preparo de professores e alunos sem deficiência para receberem colegas com deficiência, conhecendo o perfil dos alunos a serem incluídos. Suas reais necessidades. O desenvolvimento de estudos, gerando conhecimento acerca das práticas e procedimentos que melhor atenderão às suas peculiaridades, necessidades e possibilidades. Desenvolver projeto pedagógico consistente com todos os dados colhidos. Realizar um bom projeto pedagógico que valorize a cultura, a história e as experiências de todos. E há as questões Culturais. O conceito que um professor tem de um aluno com deficiência pode determinar o modo de relação e trabalhos entre ambos. O educando, antes de sua deficiência, precisará ser visto como uma pessoa que têm desejos, expectativas e dificuldades. O professor deve acreditar que é capaz de promover o crescimento do aluno, da sua família, e

da classe a que pertence, possibilitando que eles entendam suas dificuldades e organizem-se para resolvê-las. O professor deve estabelecer metas e cumpri-las, tendo em vista o objetivo geral que é o de tornar o aluno cada vez mais independente e possivelmente produtivo. O professor deve vê-lo como pessoa, inserido num contexto, tentando entender as relações presentes no mesmo. É importante que entenda o porquê aprender habilidades e para quê. O professor deve conscientizá-lo de que pode ajudá-lo, mas que o seu envolvimento com a aquisição de novos repertórios é fator importante para que o processo educacional tenha êxito.

O GLOBO: Qual a importância da inclusão?

FIGUEIRA: Creio que o grande marco é que a Escola, diante da Educação Inclusiva, é obrigada a ser repensada e ser transformada como um todo! Citando algumas modificações, a Escola tem seus paradigmas em classificar “alunos regulares” e “alunos especiais”. Quebrar tais paradigmas, destruindo uma imagem e conceito de “aluno padrão”, nivelando todos por iguais sem rótulos já será uma mudança cultural, um grande passo para tornar uma Escola Inclusiva. Aliás, uma realmente escola para todos, sem substantivos que façam dela um exemplo a ser seguido. A Escola não é algo acabado, estático. Como todo segmento da sociedade, tem que estar em constante transformação, revendo suas ações pedagógicas, adaptando-se aos novos tempos para sempre somar e nunca excluir. Uma Escola realmente plural precisa ser um espaço comum de cidadania, livre exercício político e espaço público de manifestações das diferenças, incorporando todos os valores sem promover hierarquias.

O GLOBO: Todas as deficiências podem se beneficiar com uma escola inclusiva? Ou em alguns casos é necessário que as crianças estudem em escolas especiais?

FIGUEIRA: Pois é, essa é uma questão bem delicada. Mesmo sendo criticado, uso a minha própria experiência pessoal. Defendo uma Inclusão Escolar que chamo paulatina, numa convivência entre o ensino regular com o ensino especializado paralelamente até atingimos um sistema educacional em que teremos de fato uma “Educação para Todos!”. A solução não estaria em eliminar todos os meios e serviços auxiliares da Educação Especial. Isto sim seria discriminatório e prejudicial às pessoas com necessidades especiais que precisam desses serviços como garantia de acesso aos modelos de escolaridade comum. Com o tempo, esses alunos terão possibilidades cada vez mais amplas às situações escolares regulares, cada vez com menor necessidade de apoio especial. Sua permanência na escola e entre os colegas favorecerá o seu desenvolvimento, comunicação, autonomia e aprendizagem e com efeitos emocionais positivos. Também acredito na Educação pelo afeto, influenciando indiretamente, ajudando as crianças na superação de suas dificuldades, ativando e conduzindo à via direta do desenvolvimento. Posso dizer isto com conhecimento de causa. Por ter paralisia cerebral, passei os primeiros onze anos da minha vida dentro de uma Escola de Educação Especial, numa época em que o isolamento era ainda mais latente. Paralelo à educação, precisava de terapias, treinamentos de atividades da vida diária, estimulações físicas, motoras, fonoaudiológicas e psicológicas, dentre outras, sendo assistido por profissionais especialistas em diversas áreas. E hoje afirmo que tudo foi válido, pois quando eu fui transferido para uma escola de ensino regular,

estava realmente preparado para uma nova etapa. Veja bem, não que eu esteja defendendo ou afirmando que crianças com deficiência tenham que passar antes por uma escola especial, mesmo por que eu vivi e fui educado em outro momento histórico do qual estamos hoje. O que quero aqui é trazer para o nosso bate-papo um equívoco cometido pela política da Inclusão Escolar: ignorar os benefícios também oferecidos pela Educação Especial para a Inclusão e aproveitá-los num trabalho via mão dupla de transição. E, nesta construção histórica, caminharemos para um futuro em que as Escolas de Educação Especial não tenham mais motivos para existir!

Autor e Contexto

A EDUCAÇÃO FEZ TODA A DIFERENÇA

NA MINHA VIDA

PRIMEIROS PASSOS

Nasci numa romântica noite em setembro de 1969. Tenho uma deficiência, devido uma falta de oxigenação no cérebro durante o parto, originando problemas de coordenação motora e fala, ocasionando paralisia cerebral, o que foi regado por longos e intensos tratamentos na AACD durante a década de 1970. Naquele período, pessoas com deficiência eram “preparadas” para viver dentro dos muros das instituições, sendo assistidos por órgãos oficiais que financiavam esse isolamento do convívio social. Porém, no início dos anos 1980, um grupo muito grande dessas pessoas resolveu “derrubar esses muros” e sair para conquistarem espaços na sociedade. E eu, graças a Deus, fui um deles... E tenho muito orgulho de ter sido um dos personagens dessa abertura!

Desde muito cedo, tive uma queda muito grande pelas artes, produzindo entre os 2 e 5 anos de idade, inúmeros desenhos e pinturas. Fui alfabetizado aos 5 e aos 7 já escrevia meus primeiros poemas e ensaios. Aos 11, fiz a

minha grande e primeira loucura; sai da casa de meus pais em São Paulo, indo morar com meus avós maternos em uma pequena cidade do interior paulista, chamada Guaraçaí. Aos 12, já realizava e escrevia reportagens para a “Folha de Guaraçaí”; aos 16, escrevia o jornal praticamente sozinho, além de colaborar com outros da região e, aos 18, formei-me em jornalismo técnico. Ter vivido oito anos nessa cidade foi fundamental para a formação da minha personalidade, onde através da convivência com aquele povo muita coisa está presente até hoje no meu dia-a-dia e nas minhas melhores criações!

PRIMEIRAS OBRAS

Foi também aos 16, que publiquei o meu primeiro livro, “Noites Guaraçaíenses” com 56 poesias românticas, que teve duas edições vendidas em três meses. E em 1990, “A Face Oculta” foi outra obra poética lançada. Em 1998, publiquei o livro de contos “Nostalgia do Futuro”. Depois uma novela infanto-juvenil chamada “Lembranças de um ano letivo” em 2006 (os quatro pela Scortecci Editora). E em 2001, “Traços de Interior”, uma publicação alternativa misturando crônicas e ilustrações a carvão feitas por mim. Ao todo, escrevi 71 livros, sendo que 40 joguei no lixo (por considerá-los que foram apenas um exercício de estilo e ritmo de escrita), 27 foram publicados e o resto continua inédito, entre romances, contos, ensaios, poesias, infantis, teatro...

INÍCIO DA VIDA CIENTÍFICA

Aos 19 anos, mudei-me para Bauru, onde cheguei a ser chefe-de-redação de um grupo que editava três jornais.

Em 1993, publiquei “Vamos Conversar Sobre Crianças Deficientes”, pela Memnon Edições Científicas, livro adotado em cursos de psicologia e pedagogia. Convidado no mesmo ano para escrever um livro sobre a história do Centrinho (o Hospital de Reabilitação de Anomalia Craniofaciais da USP/Bauru). Ali, como bolsista desenvolvi uma paixão muito grande pela pesquisa, principalmente na área das deficiências. Em sete anos de hospital, acabei escrevendo cinco monografias e publiquei quase trinta artigos científicos em revistas especializadas do Brasil e exterior.

Foi nessa fase de hospital também que me especializei em “Deficiência e Comunicação Social”, escrevendo vários trabalhos sobre a temática; depois, especializei-me em “Deficiência e Literatura” e, por último, em literatura infantil. Já fui jornalista de quase todas as publicações voltadas às deficiências no Brasil e assinei por um ano uma coluna semanal sobre Inclusão Social no site da Globo.com. Fui editor-chefe do blog “Psicologia e Deficiência” por dois anos.

Escrevi algumas peças para o teatro, roteiros para cinema e televisão, ganhando um concurso internacional de Dramaturgia em 2000. Sempre fiz inúmeros cursos de artes plásticas, literatura e música, além de pintar alguns quadros. E, dentre muitos cursos de pequena duração, cursei História da Arte e História da Música.

O ENCONTRO COM A PSICOLOGIA

De repente, cheguei a conclusão que precisava me preparar mais para novos desafios. Querendo me aperfeiçoar cientificamente, aos 33 anos, voltei a estudar como um novo

desafio em minha vida: chegar ao grau de cientista. No final de 2006, bacharelei-me em Psicologia pela Universidade do Sagrado Coração – USC/Bauru com a pesquisa intitulada “Uma análise dos programas de Psicologia do Excepcional nos cursos de graduação em Psicologia no Brasil”, analisando a Formação do Psicólogo no que se refere a orientação atual dos planos de ensino, de forma particular, as disciplinas “Psicologia do Excepcional” ou outras denominações correlatas nos cursos de Psicologia. Ser psicólogo era um antigo e grande sonho.

Como pesquisador, atuo e me desenvolvo em duas linhas de Pesquisas: “Psicologia e Deficiência” e “Psicologia da Arte”. Durante toda a graduação, continuei pesquisando e escrevendo, passando de 65 artigos científicos publicados no Brasil e em oito países, além de 23 palestras ministradas, principalmente em escolas e universidades. E já acumulo oito prêmios, principalmente como escritor!

Assim que me formei, mudei-me para São Paulo. Prestei exame de Mestrado em Educação: Psicologia da Educação na PUC/SP; cheguei a cursar um semestre, mas por não ter conseguido bolsa, tive que parar. Em seguida, fiz pós-graduação em Inclusão Escolar pela FTC de Salvador/BA, com a monografia “A DEFICIÊNCIA DIALOGANDO COM A ARTE: Dos fatos históricos à inclusão escolar e social”, onde abordo o fazer artístico em três áreas interligadas: psicológica, interação escolar e inclusão social (mercado de trabalho).

O ENCONTRO COM A PSICANÁLISE E O DOUTORADO

Em 2008 e 2009, publiquei os dois livros que considero os mais importantes de minha carreira: “CAMINHANDO EM SILÊNCIO – Uma introdução à trajetória da pessoa com deficiência na história do Brasil” e “O CASO DO TIPOGRAFO – Crônicas das minhas memórias”. E tenho publicado uma série de sete livros pela Agbook.

Escrevi uma série de artigos sobre PSICOLOGIA E DEFICIÊNCIA para o site educacional Planeta Educação que é uma síntese dessas minhas duas décadas de pesquisas.

Entre tantas idas e vindas, encontre-me com a Psicanálise. Passei um ano estudando-a a fundo, fazendo cursos de formação e escrevendo um blog semanal com crônicas sobre o cotidiano e comportamento chamado “PSICOCRONICANDO – A prática da escrita como Divã”. Até que a Sociedade Internacional de Psicanálise de São Paulo me aceitou em seu Doutorado Profissional. Por conta disto e embasado em meus antigos textos do blog, desenvolvi e concluí em outubro de 2009 meu Doutorado com a tese “ECOS DAS CRÔNICAS CONTEMPORÂNEAS: Reflexos das atitudes humanas atuais na meia-idade e suas aberturas às intervenções neopsicanalíticas”. Iniciei o projeto de uma futura CLÍNICA DA MEIA-IDADE. Agora vejo que aquele conjunto as crônicas que intitulei de “Psicocronicando” representava a Certidão de Nascimento de um futuro Psicanalista!

Meus principais livros nesta área:

O QUE É EDUCAÇÃO INCLUSIVA - Coleção Primeiros Passos (Brasiliense, 2011)

CAMINHANDO EM SILÊNCIO - Uma introdução à trajetória da pessoa com deficiência na história do Brasil. (Giz, 2.ed. 2009)

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA E PESSOAS COM DEFICÊNCIA - A base de um novo relacionamento! (Agbook, 2ª ed. 2014)

A PESSOA COM DEFICÊNCIA DIALOGANDO COM A ARTE - Dos fatos históricos à Educação Inclusiva, rumo ao Mercado de Trabalho! (Agbook, 2012)

Contatos com o autor:

EMÍLIO FIGUEIRA

www.emiliofigueira.com.br

emiliofigueira@hotmail.com